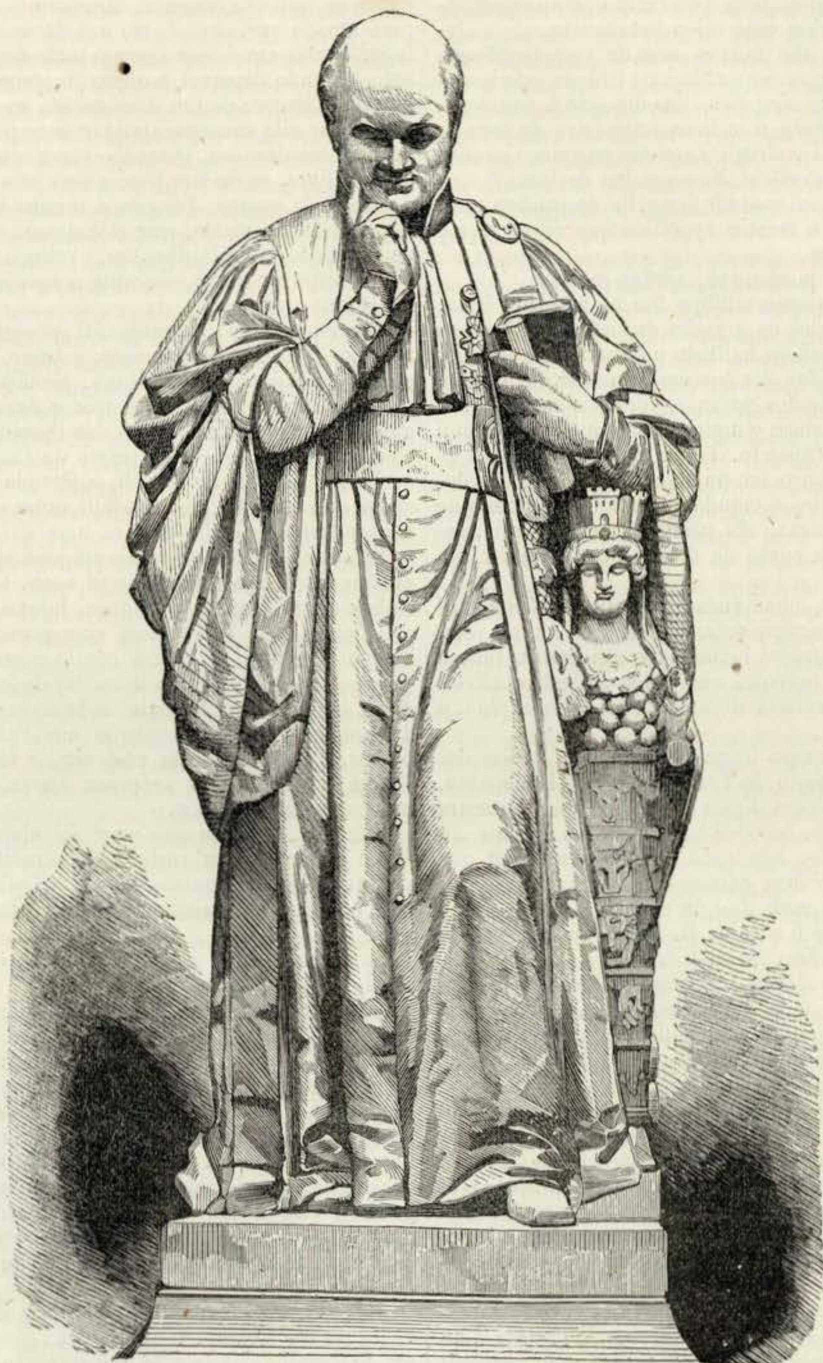


Estatua de Geoffroy Saint-Hilaire

Ha nomes, nos fastos da sciencia e nos annaes da humanidade, que todos devemos conhecer e transmittir, com amor e acatamento, a nossos filhos.

Um d'estes é o do sabio e virtuoso naturalista francez Geoffroy Saint-Hilaire, o creador da zoologia moderna.

Verdadeiro typo do homem sabio, resplandeciam e admiravam-se n'elle tanto os dotes da sciencia como os da moral. Reunia todas as virtudes das differentes edades do homem: a simplicidade e alegria da infancia; a confiança, a generosidade e dedicação da juventude; a perseverança, o amor do trabalho e do proximo da edade madura. E na velhice conservou tudo quanto recebêra da natureza, quanto havia adquirido pela força da vontade, a que elle juntava, por coroa da realeza do seu genio, a dignidade affectuosa do saber, a benevolencia que anima e attrahe, a serenidade religiosa que concilia o respeito; deixando ao mundo, com os livros de sciencia que publicou, um dos mais perfeitos e honrados typos do homem sabio d'este seculo.

Estevão Geoffroy Saint-Hilaire nasceu a 15 de abril de 1772, na cidade d'Étampes. Seu pae era jurisconsulto e homem de boas letras, mui estimado por Malleherbes. Sua avó conservára até á extrema velhice grande actividade de espirito, e constante applicação

á leitura. Foi ella quem excitou o talento de seu neto, lendo-lhe e contando-lhe muitas lendas e narrativas que vivificaram a sensibilidade, a imaginação, e o amor natural do bem e do bello que na edade viril tanto afamaram este sabio naturalista.

Muitas vezes lhe fallava ella de tres Geoffroys, seus parentes, que no seculo XVII tinham sido socios da academia das sciencias. Um dia que a avó repetiu isto a seu neto com mais intimativa de satisfação, exclamou Geoffroy: Tambem eu quero ganhar celebridade como elles! Mas que hei de fazer?

— Quereres com vontade firme, lhe respondeu a boa da velha. Tens o mesmo appellido que elles; faze o que elles fizeram.

— Pois bem, minha avó, ajudae-me vós.

Então esta insigne mulher deu ao neto um livro, d'onde quasi todos os grandes espiritos dos dois ultimos seculos tinham haurido uma parte da sua força moral, as *Vidas dos homens Illustres*, de Plutarco. Estas excellentes paginas, que ensinam a amar a virtude, a sciencia e a gloria, inflammaram logo o engenho d'este rapazito. Tinha apenas 11 annos!

Dentro em pouco tempo se conheceu que era necessario applical-o a estudos superiores. Entrado no collegio de Navarra, ahi passou a adolescencia, seguindo depois o curso de direito, e ultimamente o de medicina.

Como, porém, a sua vocação irresistivel fosse para as sciencias naturaes, entrou como porcionista para o collegio do cardeal Lemoine, e ahi travou intima amizade com o regente, que era o modesto e affavel mancebo que acabava de crear a cristallographia, o padre Haüy.

Ao mesmo tempo frequentava elle o jardim das Plantas e o collegio de França. Um dia Daubenton, lente de mineralogia d'esta ultima eschola, e mestre do nosso Brotero, tendo-lhe feito, no fim da aula, algumas perguntas, admirado da muita sciencia que o estudante revelára, exclamou:

— Vós sabeis mais do que eu!

— Sou apenas o ecco de M. Haüy, respondeu modestamente Geoffroy Saint-Hilaire.

A famosa revolução franceza, os terrores da Europa colligada, e as discordias civis, dispersaram por algum tempo estes pacificos ajuntamentos de professores e de estudantes.

No mez de agosto de 1792 foi preso o padre Haüy com outros sacerdotes, por não querer prestar juramento. Apenas Geoffroy o soube, voou a casa de Daubenton, e successivamente á dos outros socios da academia das sciencias, supplicando-lhes com vivas exhortações, que por espirito de corporação, e a bem da propria dignidade, houvessem de intervir no caso, e alcançar ordem de soltura para o seu collega, o que facilmente conseguiu. Sobreveiu, porém, um obstaculo imprevisto; Haüy tinha levado para a cadêa a collecção dos seus mineraes, e porque estava tranquillamente a pôl-os em ordem, não quiz sair sem acabar a tarefa! Ficou para o dia seguinte. Todos sabem o que havia a receiar da demora de vinte e quatro horas, n'aquelles dias de terror.

Cuvier contou isto maravilhosamente na sessão solemne da Academia, em que pronunciou o elogio do padre Haüy. O auditorio rompeu unanime em applausos; e um dos espectadores, cortando por entre a multidão, foi lançar-se nos braços de Geoffroy Saint-Hilaire, exclamando: «Meu amigo! alma, coração, genio, tudo vós possuis!» Este homem era o general Foy.

Não fôra só esta a prova de dedicação dada por Geoffroy aos seus amigos, n'aquelle tempo. Outros professores dos collegios de Navarra e do Cardeal tinham sido presos na egreja de S. Firmino. Geoffroy, obtendo o diploma e as insignias de um inspector das prisões, foi-lhes fallar a 2 de setembro, por entre os tumultos d'este infausto dia, avisando-os de que se queriam escapar á morte certa, o acompanhassem immediatamente. Recusaram elles, com o pretexto de que, descoberto o disfarce depois da sua fuga, ficaria em maior risco a sorte dos outros presos. Achando razoavel a objecção, esperou Geoffroy que anoitecesse, deitou uma escada ao muro da prisão, e por ella conseguiu salvar doze padres que lhe eram desconhecidos. Quando estava ajudando a descer o ultimo, ouviu um tiro, e uma bala lhe perfurou a manga da casaca. Foi com a mesma temeridade, e sem receio da morte, que elle depois salvou a vida de Lacépède, a de Daubenton, e refugiou em sua casa o arcebispo de Paris, durante a revolução de julho de 1830.

Recommendado ao veneravel professor Daubenton, por Haüy, n'estes termos, «Amae, ajudae, adoptae o meu joven libertador», Geoffroy obteve em 1793 o humilde logar de guarda e demonstrador do gabinete zoologico do jardim das Plantas. Mas n'esse mesmo anno, tendo um decreto da Convenção dado ao jardim o titulo de museu, e elevado a doze o numero das cadeiras que até alli eram só tres, Daubenton propoz Geoffroy para uma das de zoologia.

Esta sciencia estava então em principio, ou, para melhor dizer, era uma sciencia nova. Geoffroy, que tinha apenas vinte e um annos, hesitou em acceitar a cadeira. Mas Daubenton, que previa a vastidão d'aquelle genio, animou-o com vigorosas exhortações: «Tenho sobre vós a auctoridade de pae, lhe disse, tomo eu a responsabilidade da nomeação. Ainda ninguem ensinou zoologia em Paris; está por nascer. Tentae vós esta empreza, e fazei com que d'aqui a vinte annos se possa dizer: *a zoologia é uma sciencia franceza.*»

Dito isto, o joven professor foi alojado por este digno mestre n'uma casinha do museu, cercada de verdura, onde elle passou toda a sua vida, onde morreu, e onde vivem ainda hoje sua viuva e os seus filhos.

Quando Geoffroy abriu o curso, a 6 de maio de 1794, seu pae foi um dos ouvintes, e quem tomou as notas com que o filho redigiu depois as quarenta lições que deu ao prelo.

Um dia chegaram ao jardim das Plantas tres jaulas de feras, enviadas pela policia, com ordem de as elle pagar a seus donos. O museu não era rico, e só uma das jaulas custava tres contos de réis. Geoffroy não ousou tomar tal responsabilidade; mas excedendo as suas attribuições, acceitou as feras, deu aos proprietarios d'ellas o logar de guardas, e pouco tempo depois obteve os meios necessarios para realisar a compra. Tal é a origem da *ménagerie* do *Museum* de Paris.

Alguns annos depois recebeu elle de um amigo velho da sua familia, o agronomo Tessier, refugiado em Normandia, uma carta de protecção para um rapaz, então desconhecido, chamado Jorge Cuvier, mestre do filho de mr. d'Héricq. Para apoiar a sua recommendação, Tessier enviava com a carta algumas memorias feitas pelo seu recommendado. Geoffroy leu os manuscriptos, e reconhecendo n'elles o talento do auctor, escreveu immediatamente a Jorge Cuvier o seguinte: «Vinde, vinde tomar o logar de Linneo, do legislador da historia natural.» Cuvier poz-se logo a caminho, e Geoffroy recebeu-o como irmão.

Os dois mancebos, differentes na aptidão, mas eguaes no genio, começaram a trabalhar em commum com muito ardor; trabalho que lhe era recompensado pelos resultados imprevistos, prodigiosos, que só se podem esperar na origem ou renascimento das sciencias. Cada avanço nos seus estudos apertava mais os laços da amizade que os tinha ligado.

Um d'elles disse: «Não almoçaremos nunca sem ter feito algum descobrimento.» E assim foi por muito tempo.

Apesar d'isto, algumas pessoas julgaram prudente advertir a Geoffroy que desconfiasse de Cuvier, como de um rival temivel. Em vão. Cuvier, no auge da sua celebridade, e proximo á morte, prestou solemne testimunho ao bom coração de Geoffroy, n'estas palavras, lidas á academia por Flourens: «Tentaram fazer-lhe acreditar que me não devia proteger, porque em breve teria eu só a gloria dos nossos trabalhos communs; mas este excellente homem me confessou francamente, que tal conselho o infelicitaria para sempre, e que não haveria força humana que o obrigasse a separar-se de mim.»

Fôra longo mencionar todos os trabalhos d'este famoso naturalista, tanto na França como no Egypto, onde esteve quatro annos, e deu provas da energia do seu caracter, durante as guerras de Napoleão, sobre tudo quando recusou entregar aos inglezes vencedores as riquezas scientificas da commissão que lhe fôra incumbida. «Não, replicou elle ao commissario inglez, não, não obedecemos; preferimos queimar por nossas mãos estas preciosidades! Buscaes a celebridade, pois bem! a historia vos recordará. Tereis queimado tambem uma bibliotheca em Alexandria.»

São bem sabidos todos os titulos que recommendam Geoffroy Saint-Hilaire á posteridade. Ninguem ignora que foi o auctor da *philosophia anatomica*, e que, á custa de longas e perseverantes experiencias sobre as analogias que existem na organisação de uma infinidade de seres, dissimilhantes na apparencia, proclamou elle a unidade de composição como lei primaria e capital de todo o reino animal. Fez ver que no meio das variações innumeraveis das disposições accessorias, ha no essencial o mesmo plano fundamental no corpo de uma ave, de reptil ou de peixe, que no corpo do cavallo ou do homem; que para a constituição do homem, e de todos estes animaes, a natureza usa dos mesmos materiaes similares; e que, em fim, a unidade na concepção creadora se liga sempre á variedade dos pormenores de execução.

Por principal adversario d'esta doutrina, teve elle o seu amigo Cuvier. Quando Geoffroy publicou os *Principes philosophiques de l'unité de composition*, Cuvier annunciou uma obra intitulada: *De la variété de composition dans les animaux*. E por muito tempo ambos estes grandes naturalistas participaram da admiração e voto de todos os amigos da sciencia, não só da França, mas da Europa inteira, durante esta memoravel lucta. Conta-se que um dos maiores genios da Allemanha, Goethe, que apesar de poeta era tambem sabio, se enthusiasmára com a these de Saint-Hilaire. Encontrando um amigo, em julho de 1830, lhe perguntou com vivacidade: «Sabeis quaes são as ultimas noticias da França? Que vos parece este grande acontecimento? O volcão rebentou, é tudo chammas! E com effeito, lhe respondeu o amigo, uma revolução espantosa; vão expulsar a familia real. Não é isso, exclamou Goethe, trata-se de outro throno e de outra politica. Fallo da sessão da academia das sciencias de Paris; foi ahi que rebentou a verdadeira revolução, a revolução do espirito humano.»

Regressando do Egypto, Geoffroy Saint-Hilaire recusou um logar de prefeito que o primeiro consul lhe offereceu. Não quiz nunca, por nenhum preço, desertar do campo da sciencia.

Em 1807 foi eleito socio da academia e depois nomeado professor de zoologia da faculdade de sciencias, quando voltou a França da sua viagem a Hespanha e Portugal, por ordem do governo, a fim de enriquecer as collecções do museu.

D'aqui por diante, toda a sua vida foi consagrada ás sciencias naturaes. Os seus mais perseverantes esforços tiveram por alvo o systema da unidade na organisação dos seres, que antes d'elle apenas tinha sido entrevisto por Buffon, Vicq d'Azyr e Camper.

De Allemanha e de Inglaterra vinham muitos sabios a Paris ver o illustre chefe da nova eschola. Os estudantes das mais remotas universidades sollicitavam a honra de lhe serem apresentados. Recebia-os elle com affabilidade, dando-lhes todas as explicações que desejavam, respondendo a todas as suas objecções, e tomando n'estas discussões o calor da sua mocidade.

Aos 68 annos tinha já a vista mui gasta; mas n'um dia de julho de 1840, pegando n'um livro para ler, notou que não via as letras; ferira-o a maior desgraça que póde acontecer a um naturalista, estava cego! A cegueira seguiu-se a paralysia. N'este deploravel estado ainda era aprazivel ouvil-o. Dictava cartas admiraveis e cheias de piedosa resignação. A um dos seus amigos escreveu elle por este tempo: «Conversemos no occaso da vida como ambos o faziamos na aurora. A edade retem-nos o corpo enfermo em casa, mas o coração não conhece prisões. Deus quiz dar-me esta doença para moderar os excessos da minha mais viva satisfação... Sejamos gratos aos beneficios da Providencia.»

O dia 19 de julho de 1844 foi o ultimo da sua vida. Morreu tranquillamente. Tinha 72 annos. Pouco antes havia dito a sua filha, abraçando-a a soluçar: «Vamos separar-nos, mas tornar-nos-hemos a ver.»

Em quanto jazeu no leito da dor, diz o grande chimico Dumas, todas as suas palavras respiravam benevolencia e satisfação interna. Procurava com as mãos os seus amigos e quantos o rodeavam, para lhes agradecer e os abençoar. A sua alma, tranquilla e risonha, enfraquecia-se com suavidade, recolhendo-se n'uma consciencia immaculada.

Cegou como Galileo, pondera Edgard Quinet, mas nem por instantes o desamparou a sua natural serenidade. Sorria ainda ás maravilhas do ceo e da terra, que elle comprehendia, descobrira e via com os olhos da alma. Conhece-se n'esta paz de espirito incrivel, o homem que tem a consciencia das leis e do plano occulto do Creador. Saint-Hilaire fôra iniciado nos segredos da Providencia, e d'este espectaculo lhe provinha a quietação do justo. É esta a santidade da intelligencia.

O seu funeral testimunhou o respeito universal que elle tinha inspirado. Perto do cemiterio do Père-Lachaise, os empregados do jardim das Plantas o desceram do coche, e levaram á mão até á sepultura. Ahi, de pé, o veneravel Lakanal, octogenario, um dos ultimos sobreviventes da Convenção, recordou que cincoenta annos antes, sob proposta sua feita áquella assembléa, Geoffroy Saint-Hilaire fôra nomeado professor do museu de historia natural; Duméril, em nome da academia das sciencias; Chevreul no do museu; Dumas, por parte da faculdade das sciencias, onde Geoffroy tinha professado; Pariset, pela da academia das sciencias; Serres, em nome da amizade; e Edgard Quinet, representante da mocidade reconhecida, proferiram notaveis discursos que foram piedosamente recolhidos pela familia do finado.

Uma rua proxima ao jardim das Plantas recebeu pouco depois o nome de Geoffroy Saint-Hilaire.

A 22 de março de 1852, M. Flourens, secretario perpétuo da academia, recitou em sessão publica o elogio d'este illustre sabio. Numerosos applausos saudaram todos os periodos em que se commemoravam as qualidades moraes e as virtudes domesticas de Geoffroy. O seguinte foi um d'elles.

«Saint-Hilaire não vagava dos seus trabalhos senão

para as affeições domesticas. Ninguem as gozava melhor nem se entregava a ellas com maior expansão. Desde os mais ternos annos conhecêra no filho querido o alto espirito a quem poderia confiar a gloria do seu nome, e o deposito das suas doutrinas. [1] Vêde, dizia elle em certo dia a um amigo, vêde se não sou feliz. Eis os thesouros de meu filho. Dizendo isto abriu um armario onde o mancebo tinha religiosamente colligido tudo quanto se havia publicado a respeito das obras de seu pae. »

A cidade de Étampes, sua patria, deu logo a uma das suas praças o nome do homem que tinha derramado sobre ella parte da sua gloria, e sido seu representante na camara dos cem dias. Consagrou tambem o dia do seu nascimento em uma inscripção de marmore negro sobre a porta da casa paterna. Resolveu além d'isso levantar-lhe um monumento. O insigne estatuario David d'Angers havia-se proposto fazer-lhe uma estatua de bronze. A morte porém arrebatou-o antes d'elle ter concluido a obra. Mas um dos seus melhores discipulos, tambem natural de Étampes, Elias Robert, offereceu-se para lhe esculpir uma estatua de marmore. Acolhida a proposta, e feita a estatua, depois de exposta durante o mez de agosto de 1857 em Paris, diante d'uma das portas do Louvre, em frente do Instituto, foi inaugurada em Étampes a 11 de outubro seguinte. Um numeroso concurso de sabios, professores, parentes e amigos, assistiu a esta solemnidade, onde se proferiram novos elogios, primeiro pelo prefeito do departamento e pelo *maire* da cidade; e depois por Duméril, Serres, Milne Edward, Miguel Levy, e Joward, antigo collega de Geoffroy Saint-Hilaire na expedição do Egypto.

Tinham já decorrido treze annos depois da morte do egregio naturalista; a acção do tempo havia attenuado a intensidade da pena, mas parecia que o respeito e a admiração a tinham engrandecido. Todos os discursos exprimiam os mesmos sentimentos, e tinham a mesma elevação dos de 11 de outubro de 1844.

O MANGOTE

Esta ave é tambem uma d'aquellas a quem o vulgo, pela desconhecer, attribue configuração de homem e de bruto ao mesmo tempo.

N'um diccionario francez-portuguez se lê esta ridiculissima definição: «*Pingoin* (mangote) especie de ave aquatica do Oriente; é do feitio de homem, de passaro e de peixe: tem dois pés, e não tem pernas. »

E todavia, quasi ao mesmo tempo que este lexicographo definia, tão monstruosa como parvoamente, o mangote, escrevia o nosso douto Brotero o seguinte:

« O mangote, a que alguns ornithologistas francezes chamam *pingoin* ordinario do norte, por habitar os mares frios e até os gelados do hemispherio do norte, é mui similhante na sua conformação aos denominados *pingoins* do sul pelos inglezes, e *manchots* pelos francezes; mas elle tem mais pennas verdadeiras nas azas do que os mangotes: é um tanto menor do que os patos domesticos; tem a parte superior do corpo negra, o peito e o ventre brancos, quatro regos no bico, e d'este até ao olho uma linha branca. »

Na exacta descripção que vamos fazer d'este singular palmipede, se achará a razão por que alguns indoutos, e entre elles o já citado diccionarista, lhe suppozeram figura humana.

O mangote, ou cotete, como tambem lhe chamam, é antes semiave do que uma ave completa. Pertence aos climas do mar Pacifico, e quanto mais os navegantes se adiantam para o polo, maior quantidade encontram d'estas aves. Tem o mangote pouca differença da torda mergulheira do norte, com a qual muito tempo o confundiram; porém distingue-se, especialmente, pelo vestido, porque esta não tem pennas, mas umas plumulas oblongas espessas, duras e lustrosas, e tão juntas umas ás outras, como as escamas dos peixes. Esta especie de coiraça, e a camada de gordura que a envolve, lhes é absolutamente necessaria para resistir ao frio, visto que esta ave vive continuamente dentro de agua, e confinada especialmente nas zonas frias e temperadas.

Em terra é o andar do mangote pesado e lento; para caminhar e suster-se nos pés, que são mui curtos, e lhe ficam mesmo na extremidade do corpo, assaz volumoso, tem de se erguer em linha perpendicular; e n'esta postura, visto de longe, parece, diz certo viajante, um rapazito com avental branco.

Foi certamente d'esta graciosa comparação do viajante, que o nosso diccionarista tirou a definição que já copiámos. O mangote não tem azas, mas unicamente uns côtos, estendidos, em fórma de barbatanas, por uma membrana, e á vista parecem cobertos de escamas. D'este modo o mangote é uma ave sem azas e sem pennas.

A singular conformação d'esta ave é que tem suscitado as opiniões e estudo de varios naturalistas. Conhecem-se duas especies: o mangote preguiçoso, e o mangote implume.

Fóra d'agua é o mangote tropego e desestrado, mas nadando é airoso e veloz, porque tem todos os orgãos aptos para a natação; os pés são grandes, e completamente palmares, isto é, com a membrana que reune os dedos estendida até á raiz das unhas. Quasi nunca sáe da agua, seu verdadeiro elemento, porque, habitando as latitudes geladas, onde nem sequer no estio ha vegetação, tem que sustentar-se de molluscos, e dos peixinhos que formigam pelas costas do mar; só vem a terra para dormir, estando horas inteiras em pé apoiado no uropigio, e completamente immovel. A femea não faz ninho, a sua postura é no antro das rochas, e choca unicamente um ovo de grande volume. Os mangotes são mui sociaveis entre si; as femeas estão no choco ao lado umas das outras.

Certo viajante inglez, n'uma viagem ás regiões polares, diz que os marinheiros do seu navio apanharam nas costas da Groenlandia mais de cem mil ovos de mangote. Esta somma é provavelmente exaggerada; mas o certo é que os ovos de mangote são excellentes, mui nutritivos, e por muitas vezes tem salvado as tripulações dos navios, retidos pelo gelo, de morrerem á fome por não haverem outro alimento n'aquellas paragens. A carne d'esta ave não é má para comer; todavia só em ultimo caso, e quando já não tem ovos, é que os marinheiros lançam mão d'ella.

De vez em quando apparecem d'estas aves nas costas de Inglaterra e de Hollanda, e algumas vezes na de França, o que é indicio infallivel de inverno rigoroso.

CONQUISTA DE ORMUZ

(Vid. pag. 281)

Se o globo do mundo se houvesse de reduzir
a um annel, a pedra d'elle seria Ormuz.

PADRE VIEIRA

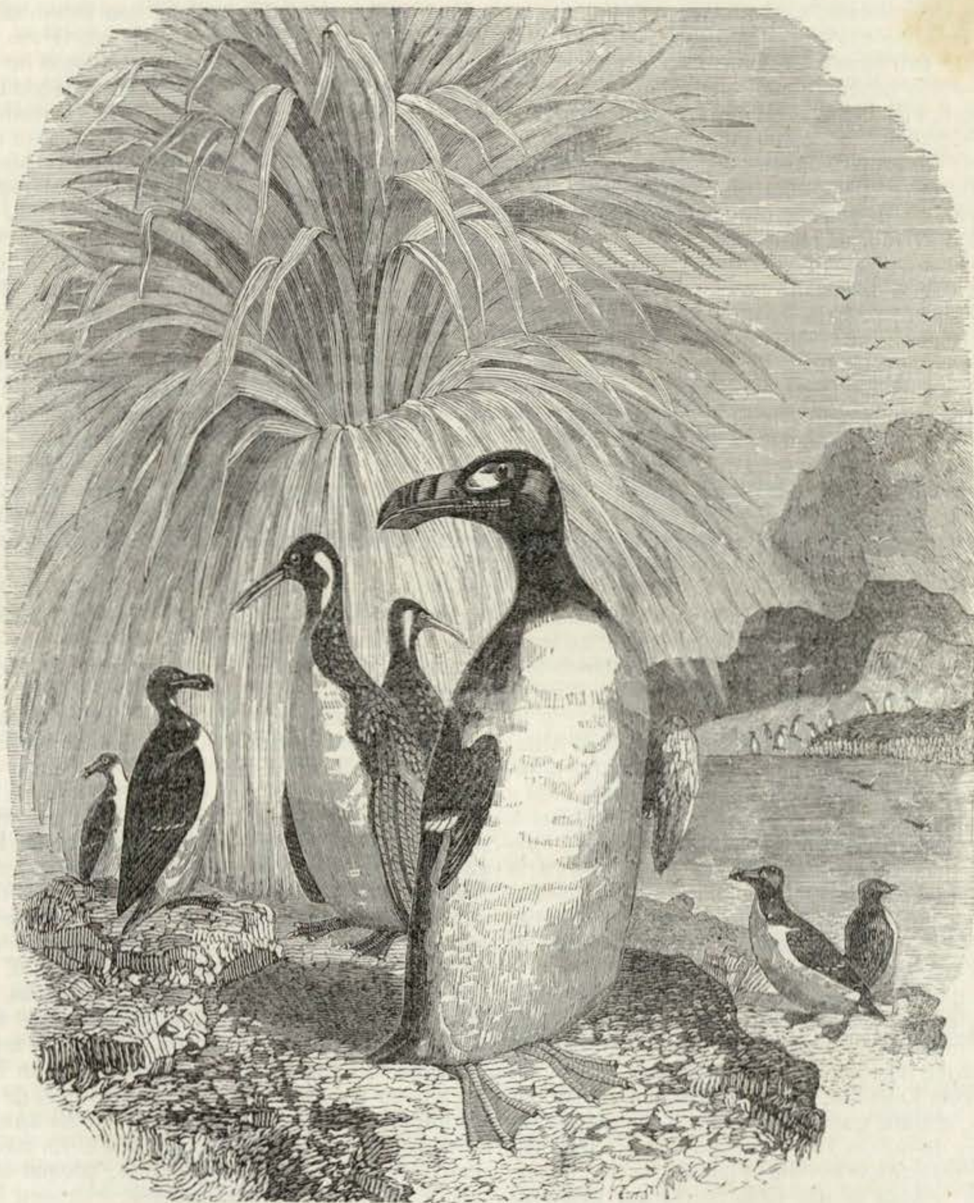
Antes de pormos termo á narrativa dos trabalhos que passou Affonso de Albuquerque na conquista de Ormuz, e sobre tudo na obra da fortaleza cujo desenho publicámos no antecedente numero, digamos

[1] Isidoro Geoffroy Saint-Hilaire, successor de seu pae na cadeira do museu de Paris.

que reis cegos eram os que elle achou n'aquella ilha, e mandou para Goa, com muito resguardo e bom tratamento.

Todos os historiadores da India fallam de uns treze reis cegos que Affonso de Albuquerque achou em Ormuz, quando tomou este reino, os quaes remetteu para Goa, como já se disse. O proprio Gaspar Corrêa, que os viu, não é mais explicito a similhante respeito; apenas Diogo do Couto na decada v diz com individuação o seguinte:

«E primeiro que passemos d'aqui, será bem que soltemos a duvida dos treze reis cegos que João de Barros diz que Affonso de Albuquerque mandou para Goa, dos quaes se não falla no catalogo que trouxemos de todos os reis de Ormuz, nem houve em algum tempo cegar-se rei algum, para outro lhe tomar o reino depois de ser já rei. E inquirindo nós isto bem, achámos que nenhum dos cegos foi rei, mas foram irmãos e primos coirmãos, filhos de Magcud, Xabadim, Xargol e Xanés, d'aquelles quatro



O mangote

irmãos, filhos de Torunxa, que todos reinaram uns após outros; porque costumavam aquelles reis, tanto que succediam, cegarem aos irmãos, primos e parentes que podiam ter pretenção ao reino; e cegavam-n'os com uma pasta de metal tirada do fogo, ardendo e passada por diante dos olhos, cuja força lhe apagava a vista, ficando-lhes os bogalhos claros e inteiros, o que faziam para se não recearem d'elles; e tantos reis cegos não podiam succeder em tão pouco tempo, achando-os elle todos vivos.»

«E nós achámos homens em Goa que se lembravam ainda de dois d'estes cegos, de que alguns governadores se descuidaram tanto, que chegaram a pedir esmola; e affirmava-nos um cidadão antigo, nobre e fidalgo, que vira um d'elles no terreiro da Misericordia de Goa, debaixo de uma arvore, que antigamente alli estava, que, como outro Belisario, pedia esmola, dizendo: *Dae esmola a este a quem cegaram para lhe tomarem o reino.*»

Aclarado este ponto, prosigamos:

«Affonso de Albuquerque, depois de ter posto a fortaleza em auge de se poder defender, a mandou artilhar. Para isto obrigou os de Ormuz a darem-lhe toda a que tinham enterrada e escondida, a saber:

cento e quarenta peças, sendo trinta camelos e as mais esperas, falcões e berços grandes.

Tendo por esta occasião chegado do reino Nicolau Ferreira, que, da parte do rei de Ormuz, viera com uma embaixada a el-rei D. Manuel, Affonso de Albuquerque passava as noites praticando com elle sobre as coisas do reino, e perguntando-lhe que dizia el-rei d'elle Affonso de Albuquerque, Nicolau Ferreira lhe disse que el-rei fallava do seu governador com tanto gosto e tantos louvores, que dizia ser de razão o mandal-o ir para o reino, e dar-lhe descanço em um condado, e estar sempre com elle para lhe dar conselho nas coisas da India. Affonso de Albuquerque entristeceu-se muito com a noticia, dizendo: — Não ha honra em Portugal que seja egual á governança da India. Póde em Portugal haver descanço de trabalho do corpo; mas o meu corpo que dias póde viver para gostar de descanço? E que mór póde haver para mim que acabar meus dias, que já serão mui poucos, n'estes trabalhos que são os que me avivam os espiritos?

Com estas desconfianças entrou em tal melancolia que não queria fallar mais que a Pedro de Alpoim e aos de sua casa. Caiu doente de cama, pediu confissão e commungou. N'esse mesmo dia mandou vir á casa em que jazia todos os capitães, e lhes disse: «Senhores e nobres fidalgos: eu estou n'este ponto que vêdes, e tenho cumprido com a minha consciencia quanto a Nosso Senhor aprouve. Agora me fica sómente a obrigação que todos temos a el-rei nosso senhor, e de uma hora para a outra me póde faltar esta falla, pelo que convem, em quanto a Deus apraz que a tenha com vossas mercês, aqui ordenar o que me parecer que é serviço de Deus e del-rei nosso senhor.»

Em seguida dispoz quem lhe havia de succeder na governança, e tudo mais que lhe pareceu conducente para segurança de Ormuz, e provimento da fortaleza, da qual fez capitão a seu sobrinho Pero de Albuquerque.

«Isto, diz Gaspar Corrêa, fallava Affonso de Albuquerque com muitas lagrimas, que a todos dava grande paixão; promettendo-lhe que obedeceriam tudo o que elle mandasse para serviço de Deus e del-Rei.»

Depois repartiu os 15 mil xerafins annuaes de páreas que pagava o rei de Ormuz, applicando parte para os ordenados dos officiaes publicos por elle nomeados, e parte para os 400 homens da guarnição da fortaleza, e mantimento da armada que havia de ficar em Ormuz até se acabar a obra.

Como d'esta distribuição apenas sobejassem 3:000 xerafins, os capitães moveram pratica sobre dever o rei de Ormuz pagar mais páreas; ao que Affonso de Albuquerque respondeu, que essas assentára el-rei D. Manuel com Ceifadim, pelo que não podia fazer outra coisa, e ainda que podesse o não faria, porque valiam mais de outros 15:000 xerafins as fazendas dos portuguezes que não haviam de pagar direitos: accrescentando: «Após de nós virão outros que ganharão muito dinheiro n'esta terra, onde nós tanto trabalhámos. Dou muitos louvores a Nosso Senhor por sua grande misericordia e tanta mercê como nos tem feito; porque o fazimento d'esta fortaleza tem custado passante de 200:000 xerafins, e os pagamentos e mercês das gentes outros tantos; e 50:000 que mandei para comerem os pobres que vierem do reino; e 100:000 que D. Garcia leva para a carga, e 50:000 que aqui deixo para resguardo do que cumprir; a demasia que tenho será d'ella o que for de mim. Tudo Deus nos deu por sua misericordia com a mão del-rei de Ormuz, que praza a Deus lhe não seja mal agradecido com lhe querer tirar outros mais; porque cubiçou Lucifer ser tão bom como Deus, por isso caiu nas profundezas.»

Ordenadas assim as coisas de Ormuz, e sendo já o muro da fortaleza todo em roda das amêas, faltando sómente erguer as torres, e, por dentro, fazer os aposentos da gente, na entrada de novembro de 1515, por lhe dizerem que no mar se acharia melhor, se embarcou Affonso de Albuquerque pela sésta, sem ninguem o ver, mandando dizer ao rei de Ormuz lhe perdoasse não se ir despedir d'elle, porque a doença o apertava tanto, que não podéra fazer senão metter-se no mar; mas onde quer que estivesse faria todo o seu serviço; e que alli lhe deixava o capitão Pero de Albuquerque, seu sobrinho, para fazer tudo o que lhe elle mandasse. O rei houve muita paixão de lhe dizerem que Affonso de Albuquerque ia assim doente, e logo lhe mandou muitos agradecimentos, e participar que se tal soubera, o teria ido ver antes de embarcar; e com este recado um barco carregado de frutas sêccas e conservas, e mais outro de refrescos para a gente da sua náu. E no mar se foram todos despedir do grande capitão, o qual com palavras de amor derramou muitas lagrimas. E dizendo-lhe o secretario que não tomasse paixão, que era mal para a sua doença, respondeu: «Eu não posso reter as lagrimas n'este despedimento, que me parece é para sempre.»

Os fidalgos que com elle vinham embarcados, para o distrahirem da melancolia, lhe diziam que seus serviços eram taes, que se el-rei o mandasse ir para o reino, havia de ser para o fazer grande senhor, com titulo de grande honra, em que descançasse dos grandes trabalhos em sua velhice. Ao que respondeu com estas memoraveis palavras, que nos conservou textualmente o seu secretario Gaspar Corrêa:

«Portugal é pequeno, e esses titulos de honras todos tem donos; e ainda que todos estivessem vagos, não ha coisa em Portugal de honra que valha a metade da grandeza da governança da India. E meus serviços, se são taes como dizeis, não tinham mais direita mercê que me deixar acabar estes meus poucos dias assim servindo, e que em meus dias não visse na India outro melhor que eu. Nunca vereis governador da India que em Portugal valha a metade da terça parte do preço que tem na India; e portanto vossas mercês verão o pago que me Portugal dará. E apostarei que se é chegado governador á India, o acharemos já com as mãos mettidas na governança, sem aguardar por mim que lhe désse minha residencia; *porque Portugal não faz governador novo senão para desfazer o velho*. E posto que el-rei o mande com grandes resguardos, o cabo da Boa Esperança tem tal condão, que ao governador que o passa para cá, lhe faz os sentidos tão grandes, que nunca mais lhe lembra se Portugal nasceu no mundo. Eu bem sei que hei de achar contra mim muitos, porque em Portugal *nunca fiz offerendas a nenhum santo*, senão a el-rei nosso senhor, e a sua mulher e seus filhos, porque as primicias da India a elles as mandei; e fiz meu fundamento n'isto, esperando verdadeira salvação, sem querer de ninguem nenhuma ajuda; no que bem sei que errei contra mim, e não a obrigação de meu regimento, porque n'elle el-rei me mandava que primeiro désse aos seus, o que assim fazendo me não ficava para os recommendados dos regentes de Portugal, que acoimarão meus peccados ante el-rei como quizerem, e el-rei ouvirá suas orações mais que minhas offertadas obras, com tantos sacrificios por vossas mercês manifestados.»

Que bem pintado quadro da corte d'aquella epocha, e dos cortezãos de todos os tempos!

Navegando para Goa, encontrou Affonso de Albuquerque na costa de Melinde uma nau de moiros que lhe deu noticia de haver chegado um governador a Goa

com muitas vélas. Com esta nova se dobrou a doença de Affonso de Albuquerque, e logo começou a tratar de sua alma, fazendo as disposições que constam dos seus *Commentarios*, e outras a que nem o filho nem o governo deram execução.

Já lidando com a morte, todo o seu desejo era chegar á barra de Goa, que elle conquistára, e a que chamava sua terra da promissão.

Fez-lhe Deus a vontade, porque a ella chegou aos 27 de dezembro, [1] mas já tão sem vida, que quando a nau deitou ferro levantou-se da cama, chegou á porta da camara, viu a casa de Nossa Senhora, levantou as mãos ao ceo, e logo voltou para a camara, resando o *miserere* e dando o ultimo suspiro.

Os que elle mandára presos a Portugal, pelo terem desamparado na guerra de Ormuz, esses vinham providos nos principaes cargos. El-rei D. Manuel matou Affonso de Albuquerque. Esta é a sentença da historia.

Em 1623, no tempo dos Filippes de Castella, em que perdemos a maior parte das nossas conquistas, nos expulsaram os persas de Ormuz, auxiliados pelos inglezes.

Hoje a cidade de Ormuz é terra insignificante, posto que os inglezes lá tenham uma feitoria, e ainda se vejam de pé alguns pannos dos muros da celebre fortaleza edificada por Affonso de Albuquerque, á custa de tanto sangue e tantos xerafins.!

O espolio do Portugal velho tem enriquecido muito villão ruim!

REINADO DE D. AFFONSO VI

(Fragmentos)

PRELIMINARES PARA A ANNULLAÇÃO DO REI

(Vid. pag. 278)

Já vimos o que dizia a exposição que o confessor da rainha enviou aberta a Verjus, para que a lesse, e sobre o seu objecto communicasse á soberana a sua opinião. Veremos agora qual ella foi, n'outra carta, que, trasladada, diz assim:

« Para bem dizer os meus sentimentos, ácerca de negocio tão importante como este é, e de que o padre de Villes escreve, fôra necessario não o fazer com tanta precipitação e tão pelo ar, como eu o faço, e ter um pouco mais de tempo para pensar n'elle.

« Entretanto, parece-me que S. M. se deve contentar com responder ao marquez de Gouvêa em termos geraes, mas obsequiosos e benevolos, de modo que as difficuldades que lhe fizer ver da execução ou exito do seu designio só pareçam partir de amizade.

« Parece-me que S. M. devia:

« 1.° Testimunhar-lhe, que se o logar de que se trata deve ser occupado por alguem, ninguem mais que ella desejaria que elle o tivesse. Que o achava o melhor e mais adequado servidor, não só pelo que tocava ao estado, mas a ella em particular. Que sabia que elle era desinteressado e homem de bem: que com ella se portaria como era dever seu, podendo depositar n'elle toda a confiança.

« 2.° Assegurar-lhe, por este fundamento, que se as coisas parassem alli, e ella visse que se podia conseguir metter alguem n'aquelle logar, sem grandes inconvenientes, ella não só consentiria de bom grado que elle o occupasse, mas tambem o ajudaria a isso com todo o seu poder.

« 3.° Dizer-lhe, que considere, se no meio da aversão geral que o governo do conde de Castel-melhor creou a este cargo; depois dos pedidos feitos para o supprimir, esperanças que o proprio Castel-melhor fizera conceber d'isso; em tempo em que o temor da auctoridade d'aquelle logar atemorisa tudo, e faz pedir cortes; poderia elle sustentar a inveja publica e vencer as contrariedades e opposições que encontraria em toda a parte, e mesmo do lado dos seus melhores amigos, no meio das necessidades do estado, e dos negocios arduos que urgem.

« 4.° Fazer-lhe conhecer, que pelo animo e temor em que todos estão por este cargo, podiam sobrevir grandes inconvenientes ao estado, de o proverem tão de pressa, assim como a elle de ser o provido.

« No entanto, parece-me que em tudo isto não deve a rainha fallar como coisa sua, nem do desejo que todos mostram de que ella tenha parte no governo, porque qualquer que seja a sua reserva n'este objecto, será sempre difficil que o marquez de Gouvêa não supponha que ella o quer dissuadir de acceitar este cargo, com as vistas e esperança de obter para si mesma esse poder, e ter no governo a parte principal: o que seria mau, e não faltará quem o denuncie ao rei, se ella disser a menor coisa a tal respeito.

« Parece-me que S. M. deve guardar-se muito de fallar no principe, seja a que proposito for; e se o marquez de Gouvêa disser a S. M. que fallará ao infante, ella não deve mostrar que sabe coisa alguma dos sentimentos d'elle: convem deixal-o operar pela sua parte: fallando-se n'elle não se faria mais que enfraquecer o que diria, porque pareceria de accôrdo.

« Creio que S. M. deve restringir-se aos termos geraes, como mais acima escrevo, mais ainda pela irresolução em que se diz que o rei está na escolha ou do marquez de Gouvêa ou do conde de S. João: se elle preferisse o ultimo, era melhor que o marquez de Gouvêa recebesse o golpe do lado do mesmo rei, e immediatamente d'elle, sem que a rainha tivesse parecido contraria ao marquez, nem deixado entrever o seu designio, e as esperanças de ella mesma governar.

« Julgo, em fim, que S. M. deve pedir ao principe:

« 1.° Que a resposta e opposição que elle fará, seja mais forte e mais declarada que a da rainha, tanto porque isso lhe convem mais, por toda a casta de razões, como porque poderá servir ao mesmo tempo de excluir o conde de S. João por meio mui suave, dando ao rei alguma suspeita, que será facil fazer-lhe conceber de proposito, que a contrariedade de S. A. ao marquez de Gouvêa vem, em parte, da esperança que tem pelo conde de S. João.

« 2.° Que não falle, ou falle pouco e de leve da rainha, e que n'esta entrevista se não apoie no desejo que elle e os outros tem que S. M. auxilie o rei no governo, porque isto só serve a arredar ainda mais a rainha, augmentando as suspeitas e desconfiança do rei.

« 3.° Que diga claramente que se reconheceu e experimentou por tal fórma o inconveniente da excessiva auctoridade d'este cargo, e que todo o mundo está de tal modo obstinado a não se expor mais aos males que elle causou ao estado e a muitos particulares, que se não póde consentir que elle vá parar ás mãos de quem quer que seja, nem que o façam reviver em favor de ninguem, porque é preciso que o rei governe, já que tal é o seu officio e dever; que os tribunaes façam o que lhes pertence, como em tempo do rei fallecido; e quanto ao resto das funcções d'aquelle cargo, se dividam por muitos conselheiros de estado, conforme o talento e capacidade de cada um, como se começára, e todos desejam.

« Aguardo as ordens de S. M. para entregar ao marquez de Sande o bilhete do padre de Villes. Sendo a carta que este escreve a S. M. excellente, não

[1] Segundo Gaspar Corrêa. João de Barros diz que foi a 16.

toco senão nos pontos em que sou de differente parecer, approvando muito todo o resto.

«Muitas reflexões ha a fazer n'esta conjunctura, mas poderão fazer-se mais de espaço, porque não respeitam ao que se póde responder ao marquez de Gouvêa, que agora é o que mais urge. Escrevi tudo isto com o meu hospede [1]: o que acabo de dizer é tanto d'elle como meu.

«Disseram-nos que havia certo decreto contra Henrique Henriques, ou melhor, para o chamar, com pena de morte, sob pretexto de o obrigar a dar conta dos depositos: do rei é que este decreto partiu.

«Peço a S. M. a restituição d'esta carta, como das outras vezes, e supplico-lhe haja por bem enviar-m'a quando isso for possivel.

«Em 19 de outubro — *Verjus.*»

Effectivamente a rainha recebeu o marquez de Gouvêa. Como se passou a entrevista, ella mesma o conta ao padre de Villes no seguinte bilhete do mesmo dia 19 de outubro, escripto originalmente, como a precedente correspondencia, em francez:

«Acabo de fallar ao marquez de Gouvêa, nos termos em que o julgastes a proposito, isto é, representando-lhe as difficuldades que via no que elle me propunha, o perigo para elle e para a tranquillidade do estado, e o mau effeito que isto produziria no reino, que só desejava ser governado pelos seus reis, e que via, que depois de ter tirado o obstaculo da pessoa do conde, nascia outro. Depois d'isto assegurei-lhe muito, que se tivesse de haver alguem n'aquelle logar, não só approvaria, mas desejaria que fosse elle antes que outra pessoa, pela estima e confiança que n'elle tinha e pela crença em que estava de que não procederia commigo como o conde; que o meu descanço e o meu interesse sería que elle tivesse este cargo, porque acreditava que, governando elle o rei e reino, me faria querer de um e outro; mas que antes de emprehender uma coisa d'esta importancia, convinha ver se era possivel e salutar ao estado, e que, se assim fosse, eu mesma o ajudaria a lá chegar.

«Acerca d'isto, respondeu-me que sabia e conhecia bem os inconvenientes d'este negocio: quanto ao cargo, não tomaria o titulo, mas acceital-o-hia para evitar que n'elle entrasse o conde de S. João: que dissera, depois de todas as razões contrarias, que se sacrificaria por S. M. e pela paz d'este reino, caso eu o approvasse, não querendo fazer coisa alguma sem minha approvação: que não exerceria este emprego como o conde, nem manejaria dinheiro, nem entraria nos tribunaes, mas só receberia os requerimentos, daria as audiencias e alliviaria S. M. das coisas de menor importancia em que o rei não póde cuidar, pelo mau humor com que está.

«Respondi-lhe sempre da mesma maneira, e parece-me que era quanto podia fazer n'esta conferencia para mim tão delicada. O principe, que está n'outro caso, póde fallar com mais vehemencia que eu, e dizer decididamente o que achar conveniente, para cortar por uma vez este negocio tão perigoso para todos. Se elle podesse chamal-o á proposta, ha muito tempo feita, de dividir por muitos as funcções d'este cargo, do modo que vós sabeis que se propoz já, sería isso melhor para elle, para mim e para o estado.

«Direis d'isto o que julgardes conveniente ao vosso hospede, para que dê resposta ao principe, a quem hoje disse que lh'a mandaria.

«Remetto-vos a carta de Verjus, para que d'ella tomeis o que julgardes necessario para essa resposta.

«Dou-vos as boas tardes, e desejo que os remedios vos façam bem.

«Envio-vos Velhaire, para que por elle mandeis a Verjus a sua e a minha carta, ou lhe digaes que venha ter commigo depois do jantar, porque, melhor que o faço n'esta carta, lhe contarei a conversação que tive.»

Os documentos accumulam-se, provando que entre a rainha e o cunhado havia estreitas combinações para levantarem o partido commum a cima de todos os outros.

Impaciente por saber a opinião da rainha, ácerca da proposta do marquez de Gouvêa, o principe tinha ido vel-a de manhã.

— «Que quereis que pela minha parte responda ao marquez? (lhe perguntou o principe).

— «Não ha agora tempo (tornou a rainha) para dizermos tudo o que o objecto pede. Pelo meu confessor sereis d'isso informado.»

D. Pedro contentou-se com esta resposta, recommendou-lhe um fidalgo da sua casa para o logar de védor, suppondo que o queria tirar a D. João de Souza, e retirou-se.

(Continúa) JOSÉ DE TORRES

[1] O abbade de Saint-Romain.

EXEMPLOS CLASSICOS

Á parte da cabeça a que nós chamâmos *fontes*, chamam os latinos *tempos*; porque por alli começam a alvejar as cãs, signaes dos tempos ou annos que passaram pelo homem.

Succedendo, pois, que o negocio que eu consulto não soffre espera de tempo, nem eu tenho edade que me ensine o que devo obrar, então na cabeça do ancião acharei eu, como proprios, os tempos que a elle o tem já ensinado.

Por não observar esta regra, perdeu Roboão o reino de Israel, querendo seguir antes o voto dos moços, seus contemporaneos, que o dos anciãos experimentados. PADRE MANUEL BERNARDES.

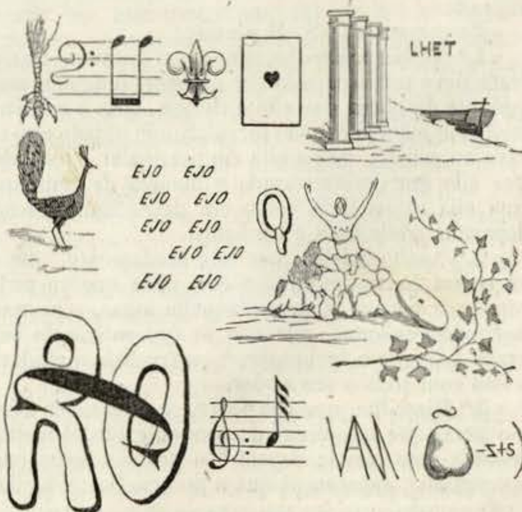
*

O melancolico sonha coisas tristes e tragicas, o sanguineo sonha felicidades e festas, o colerico sonha guerras e batalhas, o flegmatico creio que não sonha, porque não vive.

*

No paraiso havia uma só arvore vedada, no mundo ha infinitas. Tudo o que veda a lei natural, a divina e as humanas; tudo o que prohibe a razão e condemna a experiencia, são arvores e frutas vedadas. PADRE ANTONIO VIEIRA

ENIGMA



Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampayo.